

# RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO (COORDENAÇÃO) PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Data de aceite: 03/07/2023*

### **Fabio Marques de Oliveira Neto**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

### **Vaneska Oliveira Caldas**

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

### **Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques**

Mestre em Educação pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

**RESUMO:** O artigo em questão é resultado da observação do trabalho de coordenação do Núcleo de Educação da Infância/NEI-CAP/UFRN, localizado no Campus Universitário da UFRN. Foram abordados aspectos como observação e planejamento à luz das teorizações de Fusari (1989), as práticas pedagógicas desenvolvidas foram relatadas, com fundamentos teóricos específicos, principalmente rotina escolar (REIS; et al 2011), apresentação de músicas (GOHN; STAVRACAS, 2010), e Gêneros orais (BESERRA; RODRIGUES, 2010). Percebe-se a concepção pedagógica como uma construção histórico-social, dinâmica, fruto de construção coletiva e

que a compreensão sobre o trabalho da Coordenação escolar é fundamental na formação de novos pedagogos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil, Coordenação, Práticas pedagógicas.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado da observação do trabalho de coordenação do Núcleo de Educação da Infância (NEI - CAP/ UFRN), localizado no Campus Universitário da UFRN. Devido à pandemia, não tivemos a oportunidade de visitar a escola, mas as coordenadoras organizaram um *tour* virtual, para que pudéssemos conhecer a escola.

Além das salas de aula, a escola possui biblioteca, salas de multimídia, dos professores e da direção, secretaria, brinquedoteca, cozinha, refeitório, parques, pátio, quadras, solários, auditório, laboratórios de informática, de ciências de linguagens, de música e movimento e sala de atendimento pedagógico. No que diz respeito aos recursos tecnológicos existentes, a instituição conta com TVs,

computadores e projetores.

Através de conversas com a nossa supervisora, tivemos a oportunidade de conhecermos o NEI um pouco melhor. Na época da sua criação, a escola tinha como objetivo atuar como creche para atender funcionárias, alunas e professoras da UFRN, recebendo crianças a partir de 3 meses de idade. Porém, devido ao alto custo de manutenção, foi redefinido como pré-escola, começando a funcionar em 1979. Atualmente, se configura enquanto um Colégio de Aplicação, vinculado à UFRN e ao Centro de Educação. O NEI funciona pela manhã e à tarde, oferecendo turmas do berçário até o quinto ano do Ensino Fundamental.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica, a criança é:

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2013, p. 86).

Esse entendimento está em consonância com o do NEI, no qual a criança é um ser singular e íntegro, com desejos e necessidades. A infância pode ser traduzida como movimento, expressão, brincadeira. Nessa fase, a educação é uma etapa básica, fundamental para a linguagem, de interação, e que deve ser valorizada.

O NEI entende que a formação da criança está diretamente relacionada ao papel político e pedagógico assumido pela instituição, mediando as relações entre as experiências da criança e os conhecimentos acumulados socialmente, e inserindo a comunidade nas decisões escolares. Nessa linha, o NEI parte do princípio que o desenvolvimento é um processo dialético construído, com fases com características e necessidades próprias, no qual a iniciativa e aprendizagem ativa são essenciais à aprendizagem.

Assim, o NEI tem como objetivo criar um ambiente que permita a interação entre crianças (e entre estas e os adultos), no qual a criança tenha condições de desenvolver-se integralmente, em seus aspectos sociais, afetivos, cognitivos e motores. Em outras palavras, um ambiente no qual a criança seja estimulada a cultivar relações afetivas e a ampliar sua autonomia e seu senso de responsabilidade. Para atingir esse objetivo, a metodologia do NEI é voltada para atividades significativas, que estimulem a curiosidade.

## **OBSERVAÇÃO E PLANEJAMENTO**

Durante nosso estágio, fomos acompanhadas por uma das professoras titulares da turma, que possui graduação em Pedagogia, é especialista em Estudos da Linguagem e em Psicopedagogia, mestre em Educação, e atua como professora efetiva do Núcleo de Educação da Infância desde 2013.

A concepção de planejamento que orienta as práticas educativas no NEI se baseia no entendimento de que o processo de construção de conhecimento é dinâmico e está

em constante movimento. Em outras palavras, a escola parte do pressuposto de que a formação, o aprendizado e o desenvolvimento da criança no contexto escolar e social estão vinculados ao papel político e pedagógico assumido pela instituição de ensino.

Juntamente à coordenação pedagógica da escola, as professoras cumprem a função da elaboração do planejamento e das atividades de apoio ao ensino. Entende-se por planejamento do ensino,

[...] o processo que envolve a atuação concreta dos educadores no cotidiano do seu trabalho pedagógico, envolvendo todas as suas ações e situações, o tempo todo, envolvendo a permanente interação entre os educadores e entre os próprios educandos (FUSARI, 1989, p. 10).

Para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, o NEI trabalha com temas de pesquisa, articulando três eixos: o contexto sociocultural, a estrutura dos conhecimentos de área e os processos de construção de conhecimentos nas crianças. Assim, procura, através de temas de pesquisa (escolhidos considerando interesses e necessidades das crianças), trabalhar atividades baseadas nas experiências e ações significativas dos alunos, visando potencializar a aquisição do conteúdo e, ao mesmo tempo, a construção do pensamento e a valorização dos estudantes enquanto sujeitos ativos da aprendizagem. O planejamento considera e estimula o diálogo entre pais, alunos, professores e gestores.

O tema de pesquisa, quando bem trabalhado em sala, pode ser um bom caminho para ajudar o aluno a desenvolver a autonomia e o senso crítico. A partir de uma conversa sobre o que os alunos já sabem e sobre o que querem conhecer, o professor tem a oportunidade de promover uma discussão que, além de ampliar o conhecimento do aluno, também o auxilie a pensar sobre o assunto em questão e, com isso, a enxergar diferentes pontos de vista que, mais tarde, podem ajudá-lo a lidar melhor com problemas que o cercam.

O processo de ensino-aprendizagem através de temas de pesquisa pode tornar o ensino mais significativo, pois, ao partir de questões propostas pelos estudantes, o interesse da turma aumenta, o que, por sua vez, encoraja o aluno a ver sentido no que está sendo trabalhado em sala, contribuindo para a assimilação mais efetiva dos conteúdos e para o desenvolvimento da sua criticidade e da autonomia. Este tema, por sua vez, além da curiosidade do estudante, deve ser escolhido tomando por base também outros aspectos, tais como sua relevância social e científica, a possibilidade de uma abordagem interdisciplinar e de tratar de temas transversais, o potencial de motivar e permitir a ação efetiva dos alunos, entre outros.

A professora realiza o planejamento das aulas semanalmente (passível de variação, de acordo com as necessidades), em conjunto com os colegas. Ela leva em consideração o interesse das crianças, o tema de pesquisa escolhido pelo grupo e o contexto escolar. Utiliza o material da escola e a internet como fontes e considera o planejamento fundamental para a sua atuação, já que ele representa uma reflexão da prática. Nas palavras da professora: “Sem planejamento não se desenvolve uma boa aula”.

Ela considera importante sempre buscar novos conhecimentos. Para ela, é imperativo que o profissional da Educação Fundamental tenha uma formação inicial sólida, e que esteja em constante processo de aprendizagem. Para avaliar os alunos, a professora utiliza a observação, o caderno de registro, o relatório (inicial, processual e final) e a ficha de registro progressiva. E ressalta que não só os alunos devem ser avaliados periodicamente, que os professores também precisam se auto avaliarem, buscando aprimorar sua prática pedagógica.

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS**

Além de todos os pontos já discutidos até aqui, consideramos interessante tecermos comentários específicos sobre pontos relacionados às aulas que observamos, objetivando entender melhor como esses encontros evoluíram e, ao mesmo tempo, com o intuito de ampliarmos nosso entendimento acerca do que vimos.

Observamos a turma do primeiro ano matutino do Ensino Fundamental. Composta por 20 alunos, sendo cerca de 12 deles assíduos nas aulas virtuais. Percebemos que a maioria dos alunos interage bastante; no entanto, alguns se mostram bem tímidos na hora de expor-se, o que, a nosso ver, foi maximizado devido às aulas serem remotas. Nos jogos virtuais e conversas paralelas, observamos que as crianças se sentem mais à vontade para se expressar. Os instrumentos utilizados pela professora para estimular a linguagem foram conversas, onde há o estímulo para que a criança relate seus desejos e anseios, leitura da agenda do dia, músicas e incentivo à participação nas dinâmicas e nas correções das atividades.

A professora contou que o progresso das crianças é sentido em vários pontos; na autonomia com a qual realizam as atividades, na segurança com a qual defendem suas opções de tema de pesquisa e na flexibilidade com a qual se ajustam às demandas virtuais. De acordo do Oliveira (2002), é muito importante que os professores favoreçam a construção das primeiras habilidades para o desenvolvimento das formas de raciocínio abstrato e lógico, bem como que ajam como figuras de interação, estimulando as crianças a entenderem e a assumirem papéis sociais.

Além disso, a rotina desempenha um papel importante na adaptação da criança à escola e, mesmo no modo remoto, deve ser respeitada. Foi o que aconteceu nas aulas que participamos. Segundo Reis et al (2011, p. 1), “[...] a organização da rotina escolar é uma etapa de grande necessidade por se tratar da melhor maneira de aproveitar o tempo e o conteúdo a ser trabalhado e é de suma importância quando se trata dos anos iniciais de alfabetização.” Via de regra, a aula começa com uma conversa, seguida pela leitura da agenda do dia, passando pelas atividades e finalizando com as orientações do que deve ser feito em casa. Segundo a professora, é importante que as crianças conheçam e se sintam confortáveis com a rotina da turma, pois isso faz com que elas desenvolvam a

confiança e a autonomia mais rapidamente.

Durante as observações, tivemos a oportunidade de ver pontos cruciais para o desenvolvimento dos alunos. Um deles aconteceu nas aulas de música. Nessas aulas, a professora, juntamente com os bolsistas e estagiários, iniciavam a aula convidando as crianças para participar de atividades lúdicas que envolviam a música e suas possibilidades, como a expressão corporal e oralidade.

O contato da criança com a linguagem é através da relação com o outro. Assim, é necessário que os professores estejam preparados para realizar tarefas que estimulem a interação. Em outras palavras, a oralidade é imprescindível na vida do ser humano, é uma habilidade construída socialmente. Nesse sentido, atividades como as com música, são, além de momentos lúdicos importantes, um passo a mais para o desenvolvimento delas. A música ajuda a criança em diversos aspectos: cognitivos, interativos, táteis, auditivos, de socialização, criatividade, memória, decodificação, entre outros (GOHN; STAVRACAS, 2010).

Nos momentos denominados Hora do Código, as crianças do primeiro ano tinham aula de programação com uma bolsista da área de Tecnologia da Informação que atuava na escola. A proposta da aula era que as crianças desenvolvessem habilidades de raciocínio lógico a partir de jogos baseados em algoritmos, típico da programação. Na Hora do Código, tivemos a oportunidade de perceber que, utilizando recursos simples, como o jogo AngryBirds, é possível realizar atividades práticas nas salas de aula virtuais, o que, por sua vez, estimula a aprendizagem, na medida em que contribui para que o estudante veja sentido no que está tentando assimilar e encoraja a criatividade e a imaginação.

As aulas de Educação Física também eram momentos interessantes de construção de conhecimento. No período em que acompanhamos a turma, a professora de Educação Física, juntamente com os bolsistas, estava desenvolvendo atividades relacionadas a variados tipos de amarelinha. O objetivo das aulas era retomar a conexão com a brincadeira no ambiente online, por isso, as crianças estavam geralmente bem motivadas para participar dos jogos propostos pelos professores.

Na escolha do tema de pesquisa, o professor deve funcionar como um mediador, ou seja, não é seu papel fornecer respostas, mas incentivar o diálogo e criar situações que permitam que os alunos construam uma ponte entre seus conhecimentos e suas indagações. Nessa perspectiva, o professor não é o detentor do saber; ele o constrói junto aos estudantes.

Para definir o tema de pesquisa, as professoras solicitaram que cada criança fizesse uma pesquisa prévia sobre um tema de seu interesse e o expusesse à turma, justificando o motivo de sua escolha. Então, no dia indicado pelas professoras, cada criança expôs seu tema de interesse e, em seguida, pôde votar nos temas de seus colegas. Dentre todas as temáticas, a escolhida com a maior quantidade de votos foi o tema “Energias Renováveis”, pois muitas crianças tinham questões que não conseguiam responder, logo, se encaixava

nas características de um tema de pesquisa.

As aulas regulares com as professoras da turma aconteciam diariamente seguindo a mesma estrutura. Geralmente iniciavam com a correção da atividade que havia sido enviada para casa, em seguida, apresentavam a temática que seria trabalhada na aula, e faziam alguma atividade ou brincadeira relacionada à ela, e, por fim, finalizavam a aula com a explicação da atividade de casa.

Durante nossas observações, acompanhamos o desenvolvimento de uma sequência de aulas relacionadas ao gênero oral denominado parlenda. Segundo Beserra e Rodrigues (2010, p. 66), “[...] o trabalho com gêneros orais permite relacionar diferentes áreas de conhecimento, se tornando uma importante ferramenta para o aprendizado e para a prática da escrita e da leitura”. Como as crianças estavam em processo de alfabetização, o uso das parlendas era muito interessante, por algumas razões. Primeiramente, despertava o interesse por ativar seus conhecimentos prévios, bem como auxiliava na consolidação da relação entre escrita e oralidade, através do trabalho com as rimas que as parlendas propõem.

Outra aula que observamos foi relacionada aos novos protocolos de biossegurança que a escola assumiria a partir do começo das aulas híbridas. Inicialmente, as professoras fizeram um quiz com as crianças sobre conhecimentos gerais a respeito do coronavírus. Em seguida apresentaram as novas regras de convivência da escola no formato das aulas híbridas: uso da máscara, distanciamento, higienização de mãos, etc. Foi importante fazer essa retomada, uma vez que as crianças estariam voltando a ter aulas na escola, local o qual sentiram muitas saudades, porém em novo formato, para garantir a segurança de todos.

Por fim, é importante dedicarmos espaço às nossas intervenções. Nossa trajetória profissional é um pouco diferente da maioria dos nossos colegas, pois trabalhamos com o ensino de Língua Inglesa. Assim, procurando unir nossa área de atuação (Língua Inglesa), os tecnologias digitais que fazem parte da nossa realidade e nosso interesse em aumentar a percepção das crianças acerca da relevância, e da presença, do inglês nas nossas vidas, conversamos com as professoras da turma sobre a possibilidade de realizarmos nossas intervenções voltadas para aspectos linguísticos e culturais sobre esse idioma, comparando-o ao português e reforçando o respeito à diversidade. Nossa proposta de intervenções foi, para nossa imensa alegria, prontamente aceita pelas professoras. Elas nos explicaram que o NEI, atualmente, não oferece o ensino de inglês, mas que já ofereceu. Disseram também que o idioma, na época em que foi ensinado, teve impactos positivos no desenvolvimento das crianças, que se mostraram muito interessadas nessas aulas.

Assim, baseando-se em nossas vivências prévias na educação relacionadas ao ensino da Língua Inglesa, desenvolvemos atividades que despertaram nelas seus conhecimentos prévios na segunda língua, bem como proporcionaram a construção de novos conhecimentos. Na primeira delas, fizemos comparações entre palavras que

conheciam em ambas as línguas e que faziam parte de seu cotidiano. E, em seguida, cada uma foi falando outras palavras em inglês que conheciam mas que não haviam sido mencionadas.

Em outra intervenção, reconhecendo que as crianças se interessavam por animais, nós conversamos sobre os nomes de alguns animais em inglês e suas características. Em seguida, realizamos juntos um jogo de palavras cruzadas, as quais cada criança deveria descobrir o animal a partir de uma característica indicada: “É um animal que gosta de latir”, por exemplo. Por fim, realizamos também um jogo da memória, em que precisariam encontrar o par de peças que se combinavam. Nesta segunda intervenção, também percebemos o grande interesse das crianças em querer participar dos momentos da aula.

Numa última intervenção, fizemos o fechamento de nossas intervenções fazendo a leitura de um livro literário em inglês chamado “Brown Bear, Brown Bear, What do You See?”. As crianças reconheceram os animais os quais havíamos conversado na intervenção anterior, bem como suas cores, ampliando, assim, seu repertório na segunda língua. Como encerramento, fizemos um jogo, utilizando uma roleta de cores, as quais sorteamos cores, nomeadas em inglês e cada uma delas precisaria encontrar objetos da mesma cor em suas casas e mostrar para a câmera. Todas participaram e se envolveram na proposta.

O trabalho com a Língua Inglesa foi estratégico para despertar as crianças sobre o quanto elas já conheciam e como pudessem construir relações com a língua falada e a língua escrita também na outra língua. Além disso, pôde abrir seus horizontes ao conhecer um pouco mais da cultura dos países anglofônicos. As aulas foram muito divertidas e as crianças se sentiam motivadas a compartilhar seus conhecimentos e vivências relacionadas ao idioma, bem como desenvolver competências importantes para seu processo de alfabetização e letramento.

Ao usar a tecnologia para motivar a aprendizagem dos estudantes, o professor encontra novas formas de interação, o que tem potencial para representar um desenvolvimento na assimilação do conteúdo (MORÁN, 2015). Ao utilizarmos o *Wordwall*, uma plataforma projetada para a criação de atividades personalizadas, em modelos gamificados, nosso objetivo, além estimular o interesse acerca do conteúdo apresentado, foi tornar o tema divertido para as crianças, diminuindo o cansaço gerado pela tela e, ao mesmo tempo, ressaltando a importância de ouvir o outro e de trabalhar de maneira colaborativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior motivação de realizar este estágio, voltado à observação e à regência de uma turma, é a necessidade de entender como se dá esse trabalho, tendo os profissionais envolvidos como agentes que propiciam o desenvolvimento desse processo. Considero este tipo de atividade essencial à nossa área, principalmente porque nos dá a oportunidade de aliar teoria à prática.

Tive a oportunidade de ver pontos cruciais para o bom andamento das aulas, assim como sobre o dia a dia das professoras, da relação que elas desenvolvem entre si e com os alunos e os pais. Em outras palavras, a importância da interação harmônica entre a família e a escola. Foi gostoso observar como as professoras lidam com as diversas opiniões apresentadas pelos alunos e como orientam as sugestões (falando aqui, especificamente, acerca da escolha do tema de pesquisa) para que elas tenham um impacto coletivo positivo.

Durante as observações e intervenções, vi a importância de não podarmos as perguntas das crianças, que não aprendem somente com as respostas, mas, principalmente, com as perguntas. Também reforcei o entendimento, discutido amplamente ao longo do curso de Pedagogia, de que é possível fazer com que os diferentes conhecimentos caminhem juntos. Para tanto, é essencial que os professores compreendam que as atividades, para serem verdadeiramente interdisciplinares, não podem ser apenas pontuais, devem ser um diálogo constante. E que o ensino não deve ser meramente informativo, deve ser embasado também pela prática.

A concepção pedagógica é uma construção histórico-social, dinâmica, fruto de construção coletiva. Por conseguinte, entendo que a aprendizagem se dá na troca com o outro, com o meio em que se está inserido e consigo próprio. Ao me deparar com tantas especificidades, percebi o quanto é importante entender melhor esse trabalho da coordenação. Acredito que, quanto mais chances tiver de compreender as nuances da sala de aula, mais capacitada eu estarei para, ao final do curso, ser uma profissional ainda mais comprometida e atuante.

## REFERÊNCIAS

BESERRA, Carla Rhaissa Gonçalves. RODRIGUES, Josiane Paula. Gêneros Oraís na Alfabetização:Parlendas. **Revista Educação & Docência**, v. 1, n. 1, p. 63-73, jan./jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2013.

FUSARI, J.C. **O planejamento da educação escolar**: subsídios para ação-reflexão-ação. São Paulo, SE/COGES, 1989.

GOHN, M.; STAVRACAS, I. O Papel da Música na Educação Infantil. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 85-101, jul./dez. 2010.

MORÁN, José. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres Morales (Org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens** [vol. 2]. Ponta Grossa (PR): Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas).

REIS, Maria Cristina, et al. A implantação da rotina didática no primeiro ano do ensino fundamental. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15; ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 11; ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR, 5., 2011, São José dos Campos (PB). **Anais**[...]São José dos Campos: Universidade Vale da Paraíba, 2011.